

GAZETA MUSICAL

Publica-se de 15 em 15 dias

Director-proprietario: Alfredo Fertin de Vasconcellos

REDACTOR-PRINCIPAL: IGNACIO PORTO-ALEGRE

Assignatura para a Capital Federal e os Estados: 10\$000 annuaes; paizes estrangeiros: 12\$000.

Redacção e administração: Rua da Quitanda, 42, para onde deverão ser enviadas quaesquer correspondencias e communicações, que não serão restituídas ainda que não sejam publicadas

O Canto-choral

(Continuação)

Não se pense, todavia, que ao darmos a relação das obras do grande mestre do seculo XVI temos só em vista fazer conhecer os seus trabalhos; mas é que só por esta fórma podemos mostrar o quanto elle concorreu para o engrandecimento do canto-choral e para o esplendor da musica religiosa.

Em 1564 reunia-se, por determinação do papa Pio IV, um concilio de cardeaes para cuidar dos males—que ainda hoje assoberbam a igreja catholica—trazidos á musica religiosa pela inclusão nos cantos da igreja de musicas profanas, a que faltavam todos os requisitos indispensaveis á união, ao recolhimento, á santidade dos actos do seu culto.

Deu-se então o facto engraçado dos cantores da capella sixtina se opporem á modificação dos cantos adoptados e em que o publico os applaudia, porque viam n'isso um prejuizo á sua popularidade e ao effeito que tiravam, pouco lhes importando a seriedade da musica e tratando apenas da sua vaidade lisongeada.

Não achando meios de os convencer, julgando, e acertadamente, no prejuizo que á religiosidade da musica da sua igreja traziam esses enxertos profanos e improprios, pensava já o papa em abolir o canto do ritual romano, quando o cardeal Carlos Borromeu se lembrou de Palestrina e o mandou chamar, pedindo-lhe em nome de Pio IV para escrever musica para o culto catholico e salvar assim a musica religiosa que na Italia estava ameaçada de desaparecer.

O grande compositor comprehende o valor de quanto se lhe pede, vê nas suas mãos o futuro do canto religioso italiano, mette mãos á obra e a 28 de Abril de 1565 reúnem-se, a convite do cardeal, em palacio os cantores; Pierluigi distribue-lhe as partes e executam-se tres missas do genero sério, que enchem de admiração a quantos as ouvem e conseguem o salvar-se a musica na egreja catholica que por um momento se pensára illiminar!

O effeito produzido foi tão grande, especialmente com a terceira d'estas missas, que o papa manifestou o desejo de ouvil-a e mandou que na primeira festa fosse ella executada.

Effectivamente, a 19 de Junho seguinte, na festa do corpo de deus, cantou-se essa producção genial do genial Palestrina e dizem os chronistas da epoca que, ao ouvil-a, dissera o summo pontifice: *Não resta duvida; deve ser esta a harmonia do cantico que o apostolo S. João diz ter ouvido em Jerusalem!* (*A musica religiosa*. Francesco Pisani. TI, pg. 143) (*Dante e os seus musicos*—Antonio Sorbellone, pg. 18).

Determinou logo o papa que servisse aquella musica de prototypo para a musica a cantar-se na sua egreja e mandou agradecer ao compositor o ter concorrido de tal fórma para o alevantamento da musica religiosa e para o engrandecimento da egreja.

Estas tres missas foram guardadas no archivo do Vaticano em um só volume e não tinham titulo especial, sendo apenas a segunda designada pelas palavras *Qui cum patre* e tinha na capa um Q por toda indicação. Tendo porém em 1566 sido Palestrina solicitado para dar a Filipe II, rei de Hespanha, essa missa com a qual fora salva a musica religiosa, como um favor especial, foi esta terceira missa destacada daquelle volume.

Pierluigi denominou-a então *Missa Marcello II*, juntou-a em um volume com quatro missas a quatro vozes: *Da Beata Virgine, Inviolata, Sine Nomine, Ad fugam*; duas a cinco vozes: *Aspice Domine e Salvum me fac* e dedicou esse livro ao rei Phillippe II que mandou executal-as immediatamente na sua egreja de Madrid — para onde então havia a côrte sido mudada—e convidou para assistir á sua execução as maiores celebridades artisticas e politicas que a esse tempo habitavam a Hespanha e Portugal.

Esquecemo-nos dizer que a missa *Marcello II* é escripta para seis vozes e que a sua edição é de 1567—Irmãos Dorico—Roma.

D'este segundo volume de missas foi tirada uma segunda edição por Angelo Gardano, de Veneza, em 1598.

Em 1568 Vicente Galilei publicava em Veneza uma obra sobre musica (*Fronimo. Dialogo de Vincentio Galilei, fiorentino, nel quale si contengono le vere e necessarie regole dell'intavolare la musica nel liuto. Venetia per lo Scotto 1568*).

N'esse livro acham-se, entre outras producções musicaes da epoca, quatro madrigaes a cinco vozes de Palestrina, intitulados: *Vestiva i colli—Cosi le chiome mie—Io sono ferito; ah! lasso!—Se ben non veggon gli occhi*.

O successo obtido por estes madrigaes fez com que Scotto de novo os editasse em 1584, juntando-lhes mais um tambem a cinco vozes intitulado: *Se tra quell'erbe e fiori*.

Não é intenção nossa n'este pequeno estudo, como já temos dito mais de uma vez, fazer critica dos trabalhos de Palestrina, reconhecida a nossa incompetencia para o fazermos; não podemos, porém, furtar-nos a dizer que o trabalho de Palestrina no madrigal *Io sono ferito* mereceu-lhe o titulo de *grande imitador da natureza*, pela verdade com que a sua musica acompanha o valor e a intenção das palavras d'este madrigal (Vicente Galilei livro cit).

Vê-se por isto que não é de hoje a preocupação dos mestres em aproximar a musica do texto, e fazer com que aquella reproduza perfeitamente o sentimento d'este ultimo.

Foi ainda, especialmente, pela analyse d'estes madrigaes que um grande escriptor inglez cognominou Palestrina o *Homero da musica* e lhe teceu os maiores elogios, dizendo que a elle se deve o levantamento e o vigor do canto-choral (*A General Hystory of music* do Dr. Burney, vol. III, pg. 198 e seguintes).

Em 1569 imprimem em Roma os irmãos Dorici o primeiro livro de *motetos*, dedicado ao cardeal Hypolito, onde se acham os denominados: *O beata, et benedicta, et gloriosa, O admirable commercium, Senex puerum portabat e Cum pervenisset beatus Andreas*, a cinco vozes, e *Viri galilaci, Cum comperentum, Solve jubente Deo, Vidi turbam magnam e O Domine Jesu Christe adoro te*, a seis vozes.

D'este livro ha duas edições de Veneza e de Scoto, a primeira de 1586 e a segunda de 1600, sendo esta ultima posthuma.

Com a data de 1570, e publicado ainda pelos irmãos Dorici, temos o seu terceiro livro de missas dedicado ainda ao rei Phillippe II de Hespanha. N'este volume acham-se as missas a quatro vozes: *Spem in alium, Primi toni, Brevis, De Feria*; a cinco vozes: *L'Homme armé*—baseada, segundo uns, sobre o motivo de uma canção provençal, (P. Martini; *Prat. di contrap.* pag. 129) e segundo outros nada tendo absolutamente

com esse motivo a não ser o titulo (*Stor. Gener. Mus.*; Dr. Burney; vol. II, pg. 493)—e *Repleatur os meum*; a seis vozes: *De Beata Virgine* e *Ut, re, mi fa sol la*, de que já nos occupámos, sendo esta ultima escripta em 1563.

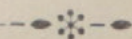
Em 1571 Palestrina entrava para o archivo da Capella em que servia com duas missas sem titulo uma a cinco e a outra a seis vozes, sendo o thema da primeira d'ellas tirado do seu motetto *O magnum mysterium*.

Em 1572 Scoto em Veneza publicava uma nova collecção de motettos a cinco, seis e oito vozes, cada um dos quaes é um trabalho de mestre e que passaram aos nossos dias como verdadeiros monumentos d'aquelle grande talento musical.

Entre os trabalhos do grande mestre, acham-se n'este segundo volume quatro motettos que são originaes de seus tres filhos Angelo, Rodolpho e Silla.

B. R.

(Continúa).



Os nossos governos e a musica brasileira

Parece que um anathema cruel pesa sobre a nossa musica, e que por todos os meios possiveis pensam os governos d'esta terra em prejudical-a.

Passamos a vida a gritar que é n'este ramo de arte que havemos de aparecer; levamos incessantemente a apresentar ao governo os meios de tirar do estado de apathia em que até agora tem vivido a musica brasileira; temo-nos esforçado, como representantes que somos da arte musical, por corresponder ao fim a que esta gazeta se destina, e a apresentar as necessidades que mais julgamos dignas da attenção dos poderes publicos; mas parece que uma praga pesa sobre a musica brasileira, tão surdos teem sido os dirigentes d'este paiz aos nossos reclamos, tão abandonada e posta de lado é esta nossa decidida manifestação artistica!

Ainda no ultimo numero, fazendo nossas as palavras do nosso estimado collega *O Figaro*, fallavamos em exposições e na sem razão de ser da não comparencia brasileira n'estes certamens de todos os povos, de todas as nações. Mal pensavamos então que tão cedo fossemos obrigados a reclamar sobre este assumpto, e a protestar contra o nenhum

caso que os poderes publicos fazem da nossa musica e dos seus representantes!

Trata-se da *Exposição de Chicago*. No *Jornal do Commercio* de 18 do corrente vemos uma lista dos indicados para representarem o Brazil n'aquella exposição, e é grande o numero de escolhidos para fazerem os estudos proveitosos que só em taes certamens e occasiões se podem fazer.

Pois bem; d'essa lista, da qual com muita razão, faz parte o nosso estimado amigo Rodolpho Bernardelli, foi excluida—não sabemos por que—a musica brasileira!

Pensando em representar todas as classes e corporações, o governo não esqueceu as bellas-artes, mas foi buscar um dos mais distinctos professores das artes plasticas para o incluir como representante das bellas-artes brasileiras.

Se não vissemos alli o nome do nosso grande e querido Bernardelli não reclamariamos, tão acostumados estamos ao desprezo pelas bellas-artes no nosso paiz; mas justamente porque a inclusão do seu nome n'aquella relação indica que não foram ellas esquecidas d'esta vez, é que protestamos contra a exclusão de um representante da musica brasileira.

Pois que! trata-se de uma exposição extraordinaria, do programma da qual fazem parte grandes concertos, e não ha um musico brasileiro que a elles vá assistir?

Pois que! pensa-se em organizar n'esses concertos de milhares de executantes programmas com musica de compositores americanos e o Brazil manifesta-se não concorrendo e não se fazendo representar?

Pois que! é preciso que os americanos peçam aos brasileiros para fazer executar na sua grande exposição a symphonia do *Guarany*?

Que triste posição a que habitualmente tomamos, e como têm razão os que nos chamam botucudos!

Em outro qualquer paiz onde houvesse um poema symphonico como o *Prometheu*, como o *Ave Libertas*, como *Parisina*, seria o governo o primeiro a fazer incluir trabalhos d'esse jaez nos programmas dos concertos da exposição, porque era essa a occasião de mostrar o valor de um compositor de primeira ordem e á altura dos mais distinctos da Europa.

Não somos suspeitos; a justiça que fazemos a Leopoldo Miguez, não é uma subserviencia de um jornal que vive dos seus assignantes, que diz francamente a sua maneira de pensar e que absolutamente não

depende nem do distincto compositor, nem do director do Instituto de Musica.

Não podemos no entanto furtar-nos a dizer aos nossos homens publicos: Com os poemas de Miguez podeis, senhores do governo, mostrar ao mundo civilisado de quanto somos capazes n'aquelle ramo dos conhecimentos humanos e o nosso gráo de adiantamento como nação civilisada.

N'essa exposição, a que de certo não deixam de ir grandes musicos de todos os paizes do mundo, nós podemos alcançar muita gloria e foros de paiz culto; mas para isso não bastam os productos agricolas e as manufacturas que mandarmos, nem será bastante a exhibição do *Guarany*.

A exclusão de um representante musical na lista dos enviados á exposição, representa uma desconsideração sem nome feita aos compositores brasileiros, que, pelo seu patriotismo, pelos seus sacrificios, pelo seu desejo em progredir, têm de certo muito direito ás attenções dos nossos governos.

E' especialmente ao sr. ministro da Instrucção Publica que nos dirigimos. Nós bem sabemos que, além da sua repartição, não se conhece, na engrenagem governamental, o trabalho dos musicos brasileiros. Mas S. Ex. não póde ignorar-o, que passam pelas suas mãos os negocios das bellas-artes, e devia, ao ver incluir no numero dos eleitos um representante das artes plasticas, lembrar-se que tambem ha musica n'este paiz, e que, se muito se tem feito em bellas-artes, é principalmente em musica que mais se tem progredido e que mais importantes trabalhos se tem apresentado.

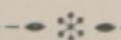
Mas ainda é tempo. Considere o sr. ministro nas razões que apresentamos, pense na necessidade de mandar executar n'aquella exposição trabalhos do valor dos que citámos, e fique certo que terá concorrido, e muito, para a gloria do seu paiz; e póde S. Ex. assegurar aos seus collegas do governo que alli se não apresentarão trabalhos mais valiosos e que mais honra façam a um povo americano.

Mande S. Ex. um representante da musica brasileira, seja Miguez ou outro qualquer, e bem acertado terá andado, e o resultado obtido será muito grande.

E' preciso que o sr. ministro saiba fazer justiça ao merito dos artistas brasileiros e reconhecer o quão proveitoso será que o mundo inteiro saiba que nós possuímos um compositor da estatura de Miguez e que na nossa terra se escreve musica como elle sabe escrever.

Nós esperamos que S. Ex. remediará o caso e cuidará da execução dos poemas symphonicos brasileiros na *Exposição de Chicago*. E se o fizer ha de ver, pelas apreciações dos grandes criticos musicaes, que concorreu grandemente para o lustre e gloria do seu paiz.

Não queira o senhor ministro fechar os ouvidos aos nossos reclamos e, se por ventura acha que pedimos com uma certa arrogancia, não nos queira mal, que estamos acostumados a fallar desassombradamente e achamos que dando-lhe esta opinião fazemos-lhe um favor e concorremos para a gloria do nosso querido Brazil.



A musica e seus representantes

PALESTRA SOBRE A MUSICA

A Snra. de***, tendo-me honrado com uma visita á minha *villa* de Peterhof, exprimiu o desejo, depois dos cumprimentos do estyllo, de visitar a residencia. Na sala de musica, notou ella nas paredes os bustos de Bach, de Beethoven, de Schubert, de Chopin e de Glinka, e muito admirada, perguntou-me :

— Porque estes bustos, e não os de Hændel, Haydn, de Mozart e outros mestres ?

— Esses bustos são os dos mestres que eu venero mais na minha arte.

— Não tem veneração por Mozart ?

— O Himalaya e o Chimborazo são os mais altos cumes da terra, o que não quer dizer que o monte Branco seja uma pequena montanha.

— Mas todos vêem em Mozart esse cume de que o Sr. falla, porque, nas suas operas, deu-nos o que a arte musical póde exprimir de mais bello.

— Eu considero a opera como um genero secundario na musica.

— Está então em opposição com as ideias modernas, segundo as quaes a musica vocal é a mais alta expressão da arte musical.

— Sim, estou em opposição a essas ideias : 1º porque a voz humana limita a melodia, o que não faz o instrumento e o que é uma restricção para as livres disposições da alma, alegria ou dôr ; 2º porque as palavras, embora as mais bellas, não pódem exprimir os sentimentos que enchem a alma, o que muito acertadamente se chamou o *inexprimivel*; 3º porque, na alegria mais viva como na dor a mais profunda, o homem póde muito

bem ouvir cantar em si proprio uma melodia, mas a ella elle não poderá nem quererá adoptar palavras; 4º porque nunca, em opera alguma, se ouviu nem se ouvirá o tragico que achamos, por exemplo, na segunda parte do trio em *ré* maior de Beethoven, ou nas suas sonatas op. 106, segunda parte, e op. 110, terceira parte, ou nos seus quartetos para instrumentos de cordas, nos adagios em *fá* maior, em *mi* maior e em *fá* menor, ou no preludio em *mi* bemol menor do *clavécin bien temperé* de Bach, ou no preludio em *mi* menor de Chopin, etc, etc,. Assim tambem, nenhum *Requiem*, mesmo o de Mozart (á excepção do *Confutatis lacrimosa*) produz essa impressão dolente que nos dá a segunda parte da *Symphonia heroica* de Beethoven, que é por si só um verdadeiro *requiem*. Não lhe dissimularei que, para mim, a *protophonia* de *Leonora* n. 3 e a introdução do segundo acto de *Fidelio* exprimem esse drama com mais intensidade do que a opera inteira.

— Mas ha compositores que só escrevem musica vocal. Por ventura não os estimará o senhor por esse motivo?

— Para mim elles são como um individuo que não tivesse o direito de responder ás perguntas que lhe fazem e absolutamente de interrogar, nem de exprimir as suas proprias ideias.

— Porque motivo, então, todos os compositores, Beethoven inclusive, quizeram escrever opera?

— Seduzio-os a esperanza de serem apreciados mais facilmente pelo publico e tambem por esta ideia que os lisongeia de ver deuses, reis, bispos, heroes, camponeses, em uma palavra os homens de todos os paizes e de todos os tempos, agir e cantar á sua vontade, segundo as suas proprias melodias. Mas qanto a mim aprecio mais a faculdade que o musico possue de cantar *elle proprio*, sem se servir da palavra, os seus factos, os seus gestos, os seu pensamentos, e isto só é possivel na musica instrumental.

— Mas o publico prefere a opera á symphonia.

— Porque o publico comprehende a opera mais facilmente. Além do interesse que n'ella excita o assumpto da peça e o desenvolvimento da acção, as palavras vêem ainda revelar-lhe o sentido da musica sem que elle possa enganar-se a este respeito. Para gozar perfeitamente uma symphonia é necessario ter tido uma verdadeira iniciação musical; só uma parte infima do publico tem esta comprehensão. A musica instrumental é a *alma* da musica, mas é preciso saber penetrar, pressentir, investigar essa alma; o publico nem sempre é capaz de um semelhante trabalho de psychologia; a belleza das obras classicas são-lhe, é verdade,

indicadas desde a infancia pela admiração dos paes e pelas explicações dos professores. E' por isso que elle as ouve de boamente com um enthusiasmo preparado e todo convencional. Mas se elle hoje tivesse de descobrir por si proprio essas bellezas, as obras dos classicos arriscar-se-iam muito a ficar no esquecimento.

— Vejo que as suas preferencias são todas para a musica instrumental.

— Não exclusivamente, mas em todo o caso no mais alto gráo.

— Mas tambem Mozart escreveu muita musica instrumental, e em todos os generos.

— E musica infinitamente bella, mas o monte Branco não é um cume tão elevado como o Chimborazo.

— Mas porque vejo eu alli os bustos de Chopin e de Gluck? « Como Saül acham-se elles no numero dos profetas »?

— Arriscar-me-ia a fatigal-a e a interessal-a muito pouco explicando-lhe tudo isso.

— Continue, peço-lhe; mas com a condição de que eu não fico obrigada a ser da sua opinião em tudo.

— Pelo contrario, desejo muito ouvir as suas objecções; só lhe peço que não se enfureça com os meus paradoxos.

— Estou-o ouvindo.

— Eu sempre perguntei a mim proprio se a musica póde, — e até que ponto — não só mostrar a individualidade e o estado da alma do compositor, mas ser ainda de alguma fórma como que o echo do tempo em que se produzio, o reflexo dos acontecimentos contemporaneos, e até indicar o gráo de cultura da sociedade que as viu nascer. Cheguei á conclusão de que ella póde fazer tudo isso até ao menor detalhe; póde-se quazi reconhecer na musica até as modas e os costumes da sua época, sem fallar do *Zopf*, que é o signal caracteristico de todo um periodo de arte musical. Mas tudo isto não é possivel senão a partir do momento em que a musica se tornou uma lingua independente e não um simples commentario de palavras, isto é, depois do engrandecimento da musica instrumental.

— Mas diz-se que a musica em geral não comporta caracteristica precisa, e que a propria melodia póde tambem exprimir a alegria ou a dôr, segundo o sentido das palavras que ahi se põem.

ANTONIO RUBINSTEIN.

(Continúa).

Correspondencia de S. Paulo

S. Paulo Abril de 1892.

Em fins de Março proximo passado despedio-se da Pauliceia o pianista Alfredo Napoleão que aqui realisou tres concertos, dos quaes o ultimo teve logar no vasto e elegante salão do Club Gymnastico Portuguez. O seu concerto de despedida foi sem duvida um dos mais atrahentes pela excellente variedade do programma, o qual continha além de obras de mestres, composições do concertista, que obtiveram grande acceitação, sendo que a sala possuia todo o diletantismo paulista que o applaudiu calorosamente. O *Andante et Polonaise*, e o *Concerto*, op. 31, as brilhantes variações sobre o popularissimo *Carnaval de Veneza*, são trabalhos de acuradissimo estylo e brilhante concepção.

As duas primeiras citadas foram executadas a dois pianos, sendo que o segundo piano preenchia a parte orchestral donde pudemos apreciar e avaliar do merito que taes producções teriam quando fossem executadas a grande orchestra. Incontestavelmente, o nosso hospede foi um dos artistas de notavel tempera, como poucos pisaram na nossa capital. Cremos que Alfredo Napoleão leva agradaveis impressões do acolhimento que teve entre nós.

Sabe-se o quanto difficil torna-se a um artista o organizar concertos, sobretudo no nosso Brazil; em geral devido á pouca ou quasi nulla importancia que infelizmente o nosso publico liga a estas reuniões, quando ellas não veem precedidas de alguma fama attractiva para despertar a curiosidade do povo brasileiro. Esta é a pura verdade.

Tempos virão em que o brasileiro saberá dar o merito a artistas do quilate do nosso ex-visitante.

O professor Paulo Florence preencheu perfeitamente o seu logar na parte acompanhante do *Andante e Polonaise* que teve uma interpretação digna de approvação do seu autor. Assim collocamos tambem em primeira linha a magnifica quão magestosa interpretação dada á brilhante *Fantaisie Hongroise*, de Liszt.

A Sra. D. Maria Imbert, tambem na parte de 2.º piano no *Concerto*, preencheu regularmente aquelle posto, se bem que bastante vacillante se tornava ao autor o seguimento da interpretação daquelle importante trabalho.

Beethoven, sempre o grande Beethoven, será uma das melhores glorias do nosso artista A. Napoleão, que o interpreta mesmo admiravelmente bem. A repetição da *Sonata Appassionata* no seu concerto de

despedida, assim como a bellissima *Fuga em dó* sustenido, de Bach, foram executadas com toda a fineza, como o sabe fazer Alfredo Napoleão.

Havia um projecto de um 4.º concerto que seria offerecido a uma Sociedade Beneficente; porém motivos imprevistos privaram-nos de ouvir ainda o distincto concertista que despedia-se magoado de não ter podido realisal-o.

— A 27 de Abril o professor Luigi Chiaffarelli encetou uma série de concertos organisados com o auxilio de seus discipulos á qual deu o titulo aliás aceitavel de *Escola de Musica*.

E' uma ideia excellente que de ha muito se fazia sentir entre nós.

Estas reuniões são proveitosissimas e desenvolvem extraordinario gosto e applicação para a mais bella das artes — a musica.

Já o nosso estimavel professor João Gomes de Araujo havia adoptado o mesmo systema, em character privado.

Oxalá que ellas continuem com o mesmo successo que tem tido.

O primeiro concerto da Escola de Musica do Sr. Chiaffarelli foi um successo, e para elle concorreu tudo quanto de melhor possuia S. Paulo no centro do dilettantismo e professorado musical.

Tomaram parte nesse concerto as distinctas *dilettantes* as Exmas. Sras. D. D. Alice Serva (piano) Elvira Guimarães (idem) Grace Scher-rington (canto) a sociedade choral do «Club Mendelssohn» e os Srs. G. Bastiani (violino) H. Stupakoff (violoncello) e o professor Chiaffarelli.

Não descriminamos o programma nem tão pouco analysamos a interpretação, pela simples razão de falta de espaço para uma detalhada resenha. Para o 2.º concerto promettemos esse regalo aos leitores. A *Gazeta Musical* fez se representar, e agradece penhoradissima a gentileza do convite com o qual foi honrada.

Para o 2.º concerto consta-nos que será executado o *Samba* de Alex. Levy, preparado para quatro pianos.

Será a primeira vez que se ouvirá em S. Paulo aquelle trabalho do nosso pranteado compositor.

CRISPINO.



Noticias do Rio e Estados

CONCERTO SYMPHONICO

No dia 30 de Abril realisou-se no Theatro S. Pedro de Alcantara um bello concerto, commemorativo do anniversario natalicio do chefe

da Nação, concerto que havia sido confiado á organização do nosso estimado compositor Leopoldo Miguéz.

Sahio-se este galhardamente da incumbencia que lhe confiaram e entre os setenta e dois musicos de que se compunha a orchestra vimos os melhores professores.

O theatro achava-se vistosamente enfeitado e ao chegar o marechal Floriano Peixoto, á uma hora da tarde. subiu o panno deixando ver o palco, cujo aspecto era magnifico, e onde se achava o busto do marechal circulado por uma guarda de honra de alumnos do Collegio Militar, e sobre um estrado, ao fundo, em uma variedade esplendida de cores e uniformes, estavam quatro bandas : a do Arsenal de Guerra, a da policia de Nictheroy, a de um nosso batalhão policial e a do Asylo de Meninos Desvalidos.

Segundo o que determinava o programma, deu principio á festa a execução do bello *Hymno da Republica*, ouvido de pé e muito applaudido depois da execução.

Tomou depois a palavra o Sr. Dr. Pederneiras que fez a offerta do busto, que se achava em scena, e que tinha sido mandado tazer por uma commissão de amigos e admiradores do marechal Floriano para n'esse dia lhe ser offertado,

Findo o discurso, seguiu-se a execução do Hymno de Francisco Manoel, cahindo o panno sobre elle.

Da segunda parte da festa, que era a dedicada ao concerto, resava o programma: Preludio da *suite* em *ré*, H. Oswald; *Prometheu*, poema symphonico, L. Miguéz; *Souvenir*, melodia, Alberto Nepomuceno; *Aveu*, romança, I. Porto-Alegre; *Ave, Libertas!* poema symphonico, L. Miguéz.

Pela primeira vez, que nos lembre, vimos organizado um concerto-festival exclusivamente com musica de artistas nacionaes e isto prova que ainda mais uma vez a preocupação de Miguéz em provar aos publicos poderes que neste ramo de conhecimentos nós não nos arreceiamos de confrontar com os estrangeiros.

O *great-attraction* do festival era o poema symphonico *Prometheu*. composição recente de Miguéz, de que os intimos diziam maravilhas e se estafavam em *reclames*.

Foi assim que todo o mundo queria verificar de outiva o valor das indiscrições dos amigos do *maestro*, e que se mettiem empenhos, se armavam questões, se faziam inimizades para se obter bilhete de ingresso para o concerto.

Começou a parte symphonica o *Preludio* de Oswald, um paulista muito distincto que estuda em Florença, e que sabe compor e instrumentar como um mestre. Pena foi que se não podessem dar por falta da partitura a 3ª parte e a 4ª da *suite*, onde o talentoso brasileiro mostra a pujança do seu *savoir faire*; ainda assim, a docura da composição, as filigrannas de instrumentação desta peça agradaram muito e esperamos que em breve poderemos ouvir completa esta *suite*, da qual, ao que nos dizem, já foi pedida para Florença toda a partitura.

Seguia-se o *Prometheu*, o bello poema symphonico de Miguéz.

Ao apparecer sobre o palco o grande compositor brasileiro recebeu-o uma salva de palmas, que o acompanhou ao estrado da regencia, e que ao chegar ahi redobrou de forma não costumada do nosso publico.

Fez-se apoz um silencio profundo; em todos se notava a anciedade e o desejo de conhecer a nova obra do *maestro*.

Fazer aqui, n'esta noticia, a resenha do *Prometheu* fora impossivel. E' um poema que precisa ser analysado e criticado com muita attenção e por isso resolvemos dar a nossa critica sobre elle em artigo especial que publicaremos no proximo numero.

Podemos todavia avançar desde já que se trata de um trabalho de mestre, como todos quantos sahem da penna do grande brasileiro, e que os applausos que o cobriram provam que a peça correspondem bravamente á espectativa geral, o que era difficil, por que as indiscripções dos intimos eram tão encomiasticas e maravilhosas que todo o mundo esperava uma obra prima, como teve afinal.

Aguardem, pois, os nossos leitores o proximo numero, e alli verão uma resenha completa e uma critica pensada do ultimo trabalho de Miguéz.

Tocou-se depois o *Souvenir* de Nepomuceno. Peça de uma sensibilidade extrema, cuja melodia é facil, mimosa e elegante, e cuja instrumentação é perfeita, agradou ella extraordinariamente, apesar de que seria difficil conseguir-se agrado completo para qualquer peça, depois de se ter ouvido o *Prometheu*; tanto mais quando este é cheio de brilhantes effeitos que nos arrebatam, de forma a não podermos depois sentir como deviamos as bellezas de uma peça facil e mimosa, executada pelo quartetto.

Em todo o caso, e pelo que fica dito, Nepomuceno deve ficar satisfeito ao saber que a sua peça foi applaudida.

Seguiu-se *Aveu*, de Porto-Alegre. E' uma pequena peça de effeito, muito singella e delicada e que foi bastante applaudida tambem.

Fechando o concerto com toda a vehemencia da sua concepção, com toda a grandiosidade da sua ideia, com todo o cheio da sua forma, como que a servir de feixo soberbo a esta festa soberba, ouvimos o *Ave, Libertas!* esse grande poema brasileiro, em que sentimos sempre palpitar o nosso entusiasmo republicano, em que vemos sempre o retemperador das nossas descrenças de momento!

Esta musica soberba, em que ouvimos pulsar o coração do grande compositor brasileiro, ha de passar a nossos filhos como a mais grandiosa epopêa da nossa emancipação politica.

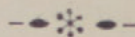
Sempre que ouvimos esse poema symphonico, somos arrebatados pelos mesmos enthusiasmos, sentimos a mesma vibração patriotica que nos agitava na segunda quinzena de novembro de 89.

A impressão causada por essa musica é sempre a mesma e a proval-o vimos o entusiasmo com que foi ella applaudida no ultimo concerto.

Por muito tempo deve Miguéz conservar a lembrança d'essa festa, que se foi em homenagem ao chefe do estado, foi de triumpho para elle e uma occasião que os seus amigos e patricios tiveram para lhe fazerem justiça e mostarem o alto apreço em que o têm.

A' festa assistiram os ministros, chefes militares, de mar e terra, artistas e tudo quando a nossa sociedade têm de mais elevado e distincto,

No fim do concerto o Snr. Vice-Presidente da Republica mandou chamar ao seu camarote o nosso amigo Miguéz e cumprimentou-o lisongeiramente, o que não impediu que pouco tempo depois o Governo se esquecesse de que havia semelhante artista para o mandar á exposição de Chicago!



Revista Lyrica

COLONIA E BANN

THEATRO MUNICIPAL

- Dez. 2 e 8. *Carmen* de Bizet
 4. *Trombeteiro*, de Nessler (Bonn.)
 5. *Flauta magica* de Mozart.
 6. *D. Juan*, de Mozart.

ZURICH

NOVO THEATRO MUNICIPAL

- Out. 1, 9, 16 e 29. *Lohengrin*, de Wagner
 5. e 26. *Huguenotes*, de Meyerbeer.
 7 e 18. *Martha*, de Flotow.

11. *Czar e carpinteiro*, de Lortzing
 14. *Norma*, de Bellini.
 21. *O Alfageme*, de Lortzing
 23. *Haus Heilnig*, de Marschner.
 28. *Freischutz*, de Weber.
 Nov. 1 e 15. *Lohengrin*, de Wagner.
 5 e 9. *Walkyria*, de Wagner.
 6. *Czar e carpinteiro*, de Lortzing.
 8. *Martha*, de Flotow.
 11, 18, 22 e 26. *Flauta magica*, de Mozart
 12. *O Alfageme*, de Lortzing.
 19. *Freischutz*, de Weber.
 25. *Fidelio*, de Beethoven.
 30. *Cavalleria rusticana*, de Mascagni.

A RABECA DE OURO

Grande fabrica de instrumentos de musica, premiados nas exposições do Brasil, Portugal, Philadelphia, e ultimamente na grande exposição Universal de Paris

João dos Santos Couceiro

Fornecedor do Instituto Nacional de Musica

Grande sortimento de Rabecas, Violoncellos, Contra-Baixos, Violões,

Bandolins

Todos os artigos pertencentes a instrumentos de musica são importados directamente da Europa.

Especialidade em cordas para todos os instrumentos.

N. 42, Rua S. Francisco de Assis, N. 42
(Antiga da Carioca)

Rio de Janeiro

AVISO

Acha-se a venda : 1º e 2º fasciculos — CURSO DE CANTO CHORAL — Gráo superior — coordenado por I. Porto Alegre, professor no Instituto Nacional de Musica.

1º e 2º fasciculos — SOLFEJOS Á DUAS E TRES VOZES, para servirem na primeira epocha do curso de canto choral, compilados por I. Porto Alegre, professor no Instituto Nacional de Musica.

Os editores, *Fertin de Vasconcellos & Morand*, rua da Quitanda n. 42.

CASA EDITORA
Fertin de Vasconcellos & Morand

ESTABELECIMENTO DE
PIANOS E MUSICAS

Sortimento de pianos de Pleyel, Herz, Gaveau, Bord, etc.
Aluga, vende e concerta.

MUSICAS DE TODOS OS EDITORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

VARIEDADE DE

Mochos, estantes, isoladores, assucenas, diapasons, capas, etc

42, Rua da Quitanda, 42
RIO DE JANEIRO

Á VENDA NA CASA EDITORA

DE

FERTIN DE VASCONCELLOS & MORAND

42 Rua da Quitanda 42

LAMENTO

DEVANEIO PARA PIANO

Á MEMORIA

DE

ALEXANDRE LEVY

POR

LEOPOLDO MIGUÉZ

CHANT

DES

FUNERAILLES

DE

D. PEDRO II

PAR

LUCIEN LAMBERT